

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS



ARTIGO

Discutir o DLCV – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – significa problematizar sua composição heterogênea (12 disciplinas de graduação e 5 programas de pós-graduação) e suas possíveis formas de articulação.
Página 3

BENJAMIN ABDALA JUNIOR

ENTREVISTAS



FLÁVIO WOLF DE AGUIAR

O papel da FFLCH é o de estar entre as lideranças de um pensamento crítico e radical no Brasil e na América Latina como um todo, e em contato com as principais fontes de pensamento em outros continentes. Página 4

Entre na Faculdade em 1954, no ano do 4º centenário da cidade de São Paulo e do 20º aniversário da fundação da USP e da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Foi um ano muito significativo para todos nós, mas foi também um ano muito tumultuado. Página 6



ZÉLIA DE ALMEIDA CARDOSO

ESPAÇO MEMÓRIA



LAURA DE MELLO E SOUZA

Foi uma experiência muito rica e muito dolorosa, e eu desejo que vocês não passem pelas coisas que nós passamos naquele momento. Eu fiz todo meu curso no auge da ditadura militar, e vários colegas meus foram presos ou desapareceram. Nós queríamos ler uma série de autores, mas tínhamos medo. Página 9

Ruy Fausto: Na França fiz minha carreira universitária, mas havia uma situação muito difícil na Universidade de Paris VIII, onde eu estava. Um grupo muito medíocre e carreirista dominava e domina o Departamento de Filosofia, e todos os que se opuseram a esse grupo foram marginalizados. Nenhum alcançou o topo da carreira. Terminei aposentando como *maître de conference*, o que equivale à livre-docência no Brasil. Página 11

Antonio Dimas: Permaneci três anos lecionando nesse colégio, até que, em 1969, fui convidado pelo professor José Carlos Garbuglio para dar aulas na Faculdade, numa situação bastante diferente dos docentes que hoje ingressam na Faculdade, através de concurso. Defendi meu mestrado no final de 1970, sobre uma revista muito pouco conhecida do Simbolismo brasileiro, a *Rosa-Cruz*. Meu doutorado também foi sobre uma revista, a *Kosmos*, e foi defendido no final de 1975. Página 12

EVENTO

FFLCH homenageia Professor Emérito Octavio Ianni. Página 14

ASSISTÊNCIA FINANCEIRA

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP realiza seu 1º Pregão Presencial. Página 16

NOTÍCIAS

Notícias. Página 17

PRODUÇÃO DOS DOCENTES DA FACULDADE

Produção dos Docentes da FFLCH. Página 17

EDITORIAL

Com o término da greve, o Boletim Informe retoma seu projeto editorial. Nessa edição, abre-se a discussão sobre o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), com o artigo do seu atual chefe, o professor Benjamin Abdala Júnior, e as entrevistas dos professores Flávio Wolf de Aguiar e Zélia de Almeida Cardoso. Na primeira, é imperdível a letra do Hino à Faculdade, de autoria do professor, e na segunda entrevista, interessante tomar conhecimento de que a Faculdade já teve turmas de seis alunos...

Temas como a heterogeneidade do departamento, sua dificuldade, os desafios postos permeiam os testemunhos dos professores.

No espaço memória, a professora Laura de Mello e Souza (DH) conta a sua experiência enquanto estudante na Faculdade durante o período mais sombrio da ditadura militar e também como chefe do Departamento de História. O professor Emérito Ruy Fausto (DF), em entrevista, analisa o conjunto dos acontecimentos de 1968 e sua carreira acadêmica na França. Por fim, o professor Antonio Dimas (DLCV) conta sua trajetória e diz que a FFLCH “é uma senhora de meia-idade e que anda precisando muito de uns *up-grades*, de uns *liftings*, etc.”

O Boletim Informe reproduz, na íntegra, o texto do professor Antonio Candido, lido na abertura da cerimônia em memória do professor Octavio Ianni, realizada no dia 26 de maio.

Boa leitura.

ERRATA



Na edição anterior, a professora **MARIA CECILIA QUEIROZ DE MORAES PINTO** foi erroneamente identificada como Maria Aparecida Queiroz de Moraes Pinto, no índice da capa do Boletim Informe (número 11, maio/2004).

EXPEDIENTE

REITOR:
Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR:
Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz
DIRETOR:
Prof. Dr. Sedi Hirano
Vice-Diretora
Prof. Dra. Sandra Margarida Nitrini

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

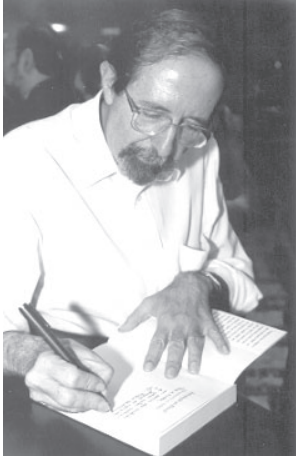
COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara (DH), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL), Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (AÇÃO) - Membro Assessor. **ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO:** Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros – MTb 35814. **COORDENAÇÃO:** Dorii Hiroko Yamaoka – MTb 35815, **PROJETO GRÁFICO:** Dorii Hiroko Yamaoka, Erbert A. Silva – MTb 35870. **DIAGRAMAÇÃO:** Dorii Hiroko Yamaoka. **REVISÃO:** Dário Ferreira Sousa Neto. **COLABORADORES:** Daniel Cantinelli Sevilano, Denis Oliveira e Silva, Rodolfo Vianna, Vanessa Vieira Mariano. **SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS:** João Fernando Querido Salvado. **IMPRESSÃO:** Gráfica – FFLCH/USP. **TIRAGEM:** 1500 exemplares.



DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

DISCUTIR o DLCV

BENJAMIN ABDALA JUNIOR
CHEFE DO DLCV



Discutir o DLCV – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – significa problematizar sua composição heterogênea (12 disciplinas de graduação e 5 programas de pós-graduação) e suas possíveis formas de articulação. Desde a formação do Departamento de Letras, em 23 de abril de 1948, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o DLCV organizou-se em torno dos diplomas de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e de Letras Clássicas. As primeiras sedes do DLCV sediaram-se no terceiro pavimento da Escola Caetano de Campos, na Praça da República e, em seguida, na rua Maria Antônia, 258. Articulado a ele, foi criado o Instituto de Estudos Portugueses, ainda em 1948, com instalações na Rua Frederico Steidel, 137. O outro departamento das Letras era o de Modernas.

Nos anos 60, os departamentos de Letras vieram a se dividir entre Vernáculas (Clássicas e Português), Neo-Latinas e Anglo-Germânicas. Essa divisão, como sabemos, segmentou-se ainda mais nos anos 70/80, aglutinando-se apenas nas Letras Modernas. Tais repartições seguiram critérios mais políticos do que acadêmicos. E ficaram no DLCV – departamento central para os estudos de língua e literaturas de língua portuguesa – núcleos que dariam origem a futuros departamentos, relativamente aos estudos lingüísticos e literários. Como a forma tem uma continuidade própria, baseada no impulso da inércia, boa parte da heterogeneidade do departamento pode ser explicada pela sobrevivência das práxis, antes da cátedra, e depois das “cadeiras” e “disciplinas”. Um horizonte restrito que muitas vezes não favorece uma práxis mais integradora do departamento e em graus ainda mais tênues da unidade ou da instituição.

Este é um problema geral não apenas de Letras, mas do ensino universitário como um todo e que pede urgente reformulação. Pode-se afirmar que as bases desse ensino, no país, foram formuladas por decretos reguladores durante

a vigência do Estado Novo e por cabeças que se inclinavam ao positivismo do novecentos. Um reflexo de semelhante postura é a atual segmentação em disciplinas e programas, afeitos muitas vezes a um ensino muito ritualizado, sem estabelecer as necessárias conexões com as dinâmicas sociais e econômicas que demandam novas posturas de ensino, pesquisa e novos recortes de conhecimento. Repito: permanece o impulso que vem do movimento inerte da forma segmentada, para além das motivações que deram origem a ela, e cuja conseqüência é o esvaziamento da universidade.

A quase totalidade dos alunos de Letras frequenta regularmente os cursos do departamento e seus 5 programas de pós-graduação contam com cerca de 300 alunos, em nível de mestrado e doutorado. Esses programas foram pioneiros e contribuíram de forma decisiva na formação de pós-graduações de outras instituições públicas, estaduais e federais. O crescimento e o excessivo controle federal (práticas que vêm do Estado Novo) trouxeram novas dificuldades: critérios qualitativos cederam muito espaço aos quantitativos e os relatórios CAPES acabaram por serem metas de muitos programas externos a São Paulo. Importa menos a pesquisa realizada e mais sua contabilização. De “meio”, tais relatórios estão se constituindo em “fim”, apesar dos esforços de muitos colegas. Um faz de conta e não uma efetiva avaliação.

Às dificuldades acadêmicas e administrativas, soma-se a extensão do diploma de português para todos os alunos de Letras. Antes dessa extensão, que dobrou a demanda de alunos, em 1987, através de processo de solicitação de aumento do quadro docente, o DLCV, que então contava 83 docentes, solicitou a criação de 113 novos claros. Obteve 2. O resultado todos conhecemos: insuficiência de classes ou classes que, mesmo superlotadas, não comportam todos os alunos, carência de docentes (agravada por aposentadorias sem reposição de quadros) e um ensino mais voltado para a reprodução do conhecimento e não por uma busca efetiva do conhecimento novo. Isto é, abastardamento do ensino universitário, que se torna deficiente na busca do que alguns chamam de capital informacional – básico para

a formulação de estratégias políticas, sociais, econômicas.

Criou-se assim uma situação de insatisfação geral. Menos que um departamento, esta unidade constituiu mais uma federação de disciplinas. Algumas delas inclusive procurando tornar-se departamento autônomo como acontecera anteriormente com teoria de literatura e literatura comparada e lingüística. Uma comissão externa de avaliação, designada pela Reitoria da USP, recomendou que o departamento (que agora cresceu cerca de 50% no número de docentes, criou novos programas de pós-graduação e praticamente dobrou a demanda de alunos) fosse dividido em três: Filologia e Língua Portuguesa, Literaturas Vernáculas e Letras Clássicas. Não me parece esta a solução, inclusive do ponto de vista político. Urge, entretanto, no âmbito estrito de Letras, uma redepartamentalização ou, talvez – para ser mais radical – uma desdepartamentalização, pautadas por critérios acadêmicos.

Este pode ser um primeiro passo para uma profunda reforma de currículos e de programas, baseada na pesquisa, nos níveis de graduação e pós-graduação. O conhecimento novo só vem da adoção de perspectivas interdisciplinares, interdiscursivas e intersemióticas. Um currículo flexível, com um mínimo de conteúdos obrigatórios e um máximo de abertura, poderá ser uma ponte efetiva com as novas necessidades sociais, culturais e cognitivas que se impõem. Os enlaces podem ser de toda ordem, mas dois se impõem de imediato às Letras: os que nos levam aos outros campos do conhecimento de nossa unidade e também à ECA. A

partir da pesquisa – é inadmissível que nossos alunos de graduação não se articulem em grupos de pesquisa – será possível desenvolver novas práticas, inclusive para os futuros professores que deverão ensinar na rede pública de ensino e vão encontrar alunos sensibilizados pelas novas mídias, desse modo, com novas formas de percepção.

A proposta colocada é, pois, de centralização das atividades educacionais na pesquisa e busca de conhecimento novo. Por que manter, então, os espartilhos formais da disciplina? Não seria o caso (fiz esta proposta há uns 10 anos), de vincularmos os docentes academicamente aos núcleos de pesquisa, que aglutinariam projetos de duração limitada, mas renováveis? Teríamos a possibilidade de uma renovação periódica desses núcleos, com a possibilidade de participação de docentes de várias áreas do conhecimento através do trabalho compartilhado. As disciplinas seriam gerenciadas supradepartamentalmente por uma comissão e deveriam estar associadas às pesquisas realizadas. O princípio, para além das formas ritualísticas tradicionais, é ministrar a “disciplina” necessária, que faria uma ponte entre a pesquisa co-realizada por docentes e alunos e as reais necessidades do país, em termos de ensino (fundamental, médio, universitário) e de busca do chamado capital informacional, imprescindível para revertermos os fluxos avassaladores da globalização neoliberal. Isto é, uma ação educacional crítica e criativa, de quem sonha que o ensino universitário não seja transformado, parafraseando a canção, num imenso colegial.

ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM O PROF. DR. FLÁVIO WOLF DE AGUIAR

DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

POR RODOLFO VIANNA



Professor, em uma entrevista concedida à Sala de Imprensa da FFLCH (www.fflch.usp.br/sdi/impressa), o senhor disse que “se é verdade que continuo me sentindo um gaúcho ‘exilado’ em São Paulo, é verdade que me sinto um uspiano de carteirinha,

e que considero a FFLCH como se fosse, de fato, a minha casa, o espaço de minha pertença intelectual”. O senhor poderia contar como e por que foi sua trajetória de Porto Alegre para São Paulo, mais especificamente para a então FFCL?

Quanto aos motivos da transferência, já os expus na entrevista cuja referência consta na pergunta. Vim para São Paulo como estudante de Letras e professor do Grupo Escolar Experimental (GEPE) da Pompéia, que era uma de quatro unidades de um projeto liderado pela profa. Therezinha Framm. Nas vagas de fechamentos e adequações daqueles tempos da ditadura, o projeto foi completamente desfigurado. No ano de 1969 uma professora da nossa unidade exilou-se na Bélgica e outro foi preso e barbaramente torturado. Em 1970, fui trabalhar como tradutor da UPI e, em 1971, entrei na pós-graduação, com bolsa da Fapesp. Co-

mecei a trabalhar como monitor do Prof. Décio de Almeida Prado e professor em 1972, mas o contrato só saiu em 1973.

Como o senhor tornou-se professor da Faculdade? Quais foram as principais dificuldades encontradas?

Em 1972, o professor Décio de Almeida Prado e o Professor José Aderaldo Castello me convidaram, junto com outros colegas da pós-graduação, para trabalhar em Literatura Brasileira. Naquela época, era comum os jovens professores serem convidados e passarem anos trabalhando de graça, esperando um contrato, e que vinha sempre em tempo parcial. Para Letras, os contratos em tempo integral só saíam em final de carreira, quase como um prêmio de bom comportamento para a aposentadoria. Nós três que entramos em Literatura Brasileira, eu, José Miguel Wisnik e Zenir Campos Reis, decidimos não nos submeter a este esquema. Dissemos que trabalharíamos sem receber desde que o contrato estivesse tramitando, porque eles eram aprovados no mérito e depois vinha a informação de que “não havia verba”. De fato, quando o contrato estancou em alguma gaveta, paramos de trabalhar. Muita gente nos disse que éramos loucos, que iam chamar gente no nosso lugar. Mas os colegas de Literatura Brasileira, inclusive os mais graduados, nos apoiaram, e, em 1973, os contratos retomaram o percurso e acabaram saindo ao longo do ano. E desde logo entramos com pedidos de passagem para o tempo integral, mas isso só se efetivaria dez anos mais tarde, depois de uma greve liderada pela Adusp.

Quais foram os seus grandes mestres, professor?

Inúmeros. Eu tive a sorte de ter grandes professores na minha formação. Vou citar alguns, correndo o risco de cometer injustiças. Walnice Nogueira Galvão, minha orientadora, em primeiro lugar. No Rio Grande do Sul, tive o privilégio de ter aulas com Ângelo Ricci, Dionísio Toledo, Guilhermino César, Flávio Loureiro Chaves, Leônidas Xausa, Gerd Bornheim, Ernani Maria Fiori. Na USP, enumero Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Gilda de Mello e Sousa, João Alexandre Barbosa, Davi Arrigucci, Dino Preti, Segismundo Spina, Ada Natal Rodrigues, José Carlos Garbuglio, Ruy Coelho, entre outros que também foram mestres pelo convívio, como José Aderaldo Castello, Maria Aparecida Santilli, Alfredo Bosi, Paulo Emílio Salles Gomes, Aziz Simão, Aziz Ab'Saber, Sábato Magaldi, Isaac Nicolau Sallum, Isidoro Blikstein, Teresa Vara... No Canadá fui aluno de Northrop Frye. Também não quero esquecer de citar minha professora de primeiras letras, Adiles Candal; o Padre Valter Seidl, professor do Colégio Anchieta, com quem aprendi que religião pode ser alguma coisa libertária. Por fim, a professora Gladys Colburn, da Burlington High School, nos Estados Unidos, cujo curso

de Literatura Inglesa definiu minha preferência pelas Letras, eu, que oscilava entre a Medicina e a Economia.

E como foi o contato com muitos deles aqui na Faculdade, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas?

Sempre muito caloroso e acolhedor. Por vezes, houve confrontos de idéias, de procedimentos, mas em todos os casos, felizmente, acabou prevalecendo a negociação. Como se diz, a paz não é a ausência de conflitos, pois neste caso um lado acabou com outro; a paz é a resolução de conflitos através da negociação e da argumentação.

Qual foi o período de maior dificuldade do departamento que o senhor presenciou?

Acho que o atual: o departamento cresceu muito, fragmentou-se, e precisa definir seu destino. Há uma tendência das disciplinas acrisolarem-se e proporem-se elas mesmas como departamentos, o que não considero muito interessante. Mas, enfim, é uma tendência que deve ser respeitada e debatida.

Como avalia a greve da FFLCH de 2002, cujo principal motivo foi a superlotação das salas de aula, principalmente as do curso de letras? O número de claros conseguidos é suficiente?

Não é suficiente, mas deu um alívio de monta. A greve resituou a Faculdade no panorama nacional e provou que estamos diante de uma nova geração do movimento estudantil que está ainda definindo o seu perfil, que é muito dinâmico. Foi uma greve de amplo apoio interno e externo e que definiu um novo patamar nos critérios de contratação na Universidade.

Como o professor enxerga atualmente o DLCV, seu funcionamento, a qualidade de seus cursos?

Quanto à qualidade, não há dúvidas de que somos um Departamento que lidera os campos em que trabalha, naquele sentido de que é um dos que define ou cria a bibliografia básica no Brasil para eles. Quanto ao funcionamento, ele é fragmentado demais. Os programas de pós-graduação agem como se fossem cada um um departamento, e isso dificulta a busca de melhores condições de trabalho para todos.

E o nível da pós-graduação?

É dos melhores do país.

Professor, para este ano foi anunciado pelo Ministério da Educação uma Reforma Universitária. Quais são os principais problemas enfrentados pela universidade hoje e como avalia as diretrizes já anunciadas pelo MEC?

O maior problema está em inverter o rumo de privatização do ensino superior definido pelo governo federal anterior.

Quanto às diretrizes do MEC, penso que ainda são insuficientes para cumprir esse papel, e também considero que há uma dificuldade no sentido de que a discussão pública parece considerar apenas as questões de financiamento e acesso, descurando das finalidades da universidade num plano de desenvolvimento nacional.

Para encerrar, gostaria que o senhor falasse sobre o papel que a FFLCH desenvolve junto à sociedade brasileira. Qual é a importância da sua existência?

O papel da FFLCH é o de estar entre as lideranças de um pensamento crítico e radical no Brasil e na América Latina como um todo e em contato com as principais fontes de pensamento em outros continentes. A FFLCH, como cicatriz da antiga FFCL, tem o papel também de ser uma memória de seu próprio percurso. Recentemente, nos eventos que comemoraram os 70 anos da Faculdade, contribuí com a mostra de um hino à FFLCH, que compus em parceria com Adoniran Barbosa... e que deixo aqui como palavra final...

HINO À FACULDADE DE FILOSOFIA

Letra: Flávio Aguiar

Música: Adoniran Barbosa

SE O SENHOR NÃO TÁ LEMBRADO
DÁ LICENÇA D'EU FALÁ
ALI ONDE AGORA TEM
AQUELE CENTRO CULTURÁ
ERA UMA CASA VÉIA
DE SIÁ DONA MARIANTÔNIA

FOI ALI SEU MOÇO
BEM NO CENTRO DA CIDADE
QUE NÓIS FIZEMO
A NOSSA FACULDADE

MAIS UM DIA
EU NEM GOSTO DE ALEMBRÁ
VEIO OS POLIÇA EOS BANDIDO
O GOVERNO MANDOU NÓIS FECHÁ

JUNTEMO TODA NOSSA GENTE
E FUMOS PRO MEIO DA RUA
FAZÊ MANIFESTAÇÃO
MAIS QUANTA DOR
QUE NÓIS SENTIA
CADA AMIGO QUE CAÍÁ
DOÍÁ NO CORAÇÃO

ZÉ DIRCEU QUIS BRIGÁ
MAIS EM RIBA EU FALEI
OS HOME NUM TEM RAZÃO
MAIS TEM REVÓRVE E TEM CANHÃO
SÓ SE CONSOLEMO
QUANDO DISSE O PROFESSÔ:
O DIA É DOS CAÇA
MAIS NÓIS TEM NOSSO VALÔ

E HOJE NÓIS CONTA ISSO
PRAS NOVA GERAÇÃO
E PRA ALEMBRÁ
NÓIS CANTEMOS ASSIM:

DONA MARIANTÔNIA
SIÁ DONA QUERIDA
EM SUA CASA NÓIS PASSEMO
OS DIA FELIZ DE NOSSA VIDA...

RUA MARIANTÔNIA
MINHA RUA QUERIDA
DINDINDONDE NÓIS PASSEMO
OS DIAS FELIZ DE NOSSA VIDA...

ENTREVISTA COM ZÉLIA DE ALMEIDA CARDOSO

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO



Professora aposentada do curso de Língua e Literatura Latina.

DANIEL CANTINELLI SEVILLANO: Em que ano a senhora entrou na Faculdade de Filosofia?

ZÉLIA DE ALMEIDA CARDOSO: Entrei na Faculdade em 1954, no ano do 4º centenário da cidade de

São Paulo e do 20º aniversário da fundação da USP e da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Foi um ano muito significativo para todos nós, mas foi também um ano muito tumultuado. Prestei o exame vestibular para cursar Letras Clássicas, no período noturno. Nesse tempo, o curso de Letras se subdividia em três: Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas. O número

de alunos aprovados nos exames vestibulares costumava ser muito pequeno; no ano em que entrei no curso de Letras Clássicas, foram aprovados, em “primeira e segunda épocas”, apenas seis alunos para o período matutino e quinze para o noturno. Eu era a única mulher da turma, no primeiro ano; meus colegas eram, quase todos, ex-seminaristas que já conheciam muito bem o grego e o latim, as disciplinas básicas do curso. A situação era bem diferente da de hoje, em todos os sentidos.

DCS: Por que 1954 foi um ano tumultuado?

ZAC: O primeiro semestre correu normalmente, mas, no segundo, o país enfrentou graves problemas políticos que culminaram com o suicídio do presidente Getúlio Vargas, no final de agosto. Logo depois da Semana da Pátria, houve uma greve muito prolongada, que se estendeu pelos meses de setembro e outubro. Tivemos pouquíssimas aulas nesse segundo semestre. Naquele tempo o esquema de aulas era diferente do atual. No primeiro semestre, as aulas se iniciavam em março e iam até maio. Na primeira quinzena de junho havia uma espécie de recesso para que os alunos preparassem os trabalhos finais e estudassem para as provas que se realizavam na segunda quinzena. No segundo semestre, as aulas iam de agosto a outubro, e, em novembro, tínhamos novamente o recesso de quinze dias e as provas. Em 1954, com os problemas políticos e a greve, os três meses de aulas do segundo semestre foram muito prejudicados: poucas aulas em agosto, quase nada em setembro e outubro.

DCS: Como era o curso de Letras Clássicas?

ZAC: Era um curso que enfatizava as disciplinas “clássicas” (Língua e Literatura Grega e Língua e Literatura Latina). Conferia habilitação em Português, Latim e Grego. Além dessas disciplinas, tínhamos, no correr do curso, Filologia e Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Brasileira, História Antiga, Filologia Românica e Glotologia Clássica. Como havia algumas disciplinas iguais em Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-Germânicas, algumas aulas eram conjuntas. No quarto ano tínhamos as disciplinas pedagógicas e duas optativas de livre escolha de cada aluno.

DCS: Depois de licenciada, a senhora permaneceu na Faculdade como docente?

Quando ingressei na Faculdade para fazer o curso de Letras Clássicas, eu já era professora efetiva do Estado. De-

pois que me formei, em 1957, prestei um novo concurso para dar aulas de Português no Colégio Estadual de São Paulo – o antigo Gymnasio do Estado, que fora, por muito tempo o colégio-padrão da cidade. Permaneci nesse Colégio até 1971, ano em que retornei à Faculdade de Filosofia para inscrever-me no Curso de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Os cursos de pós-graduação acabavam de ser regularizados, de acordo com novas normas. Assim que iniciei o curso de pós, fui convidada a trabalhar na Faculdade, na área de Língua e Literatura Latina. Fui contratada como Auxiliar de Ensino e segui passo a passo a carreira acadêmica. Obtive o doutorado, prestei concurso para provimento de cargo de Professor Doutor, fiz livre-docência, concurso para a função de Professor Adjunto e para o cargo de Professor Titular.

DCS: O Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas já existia quando a senhora iniciou seu curso de graduação?

ZAC: Não, naquele tempo existiam as “Cadeiras” de cada disciplina, cada uma com o seu Professor Catedrático. Mas, quando eu voltei, em 1971, o Departamento já existia. É um Departamento muito grande, acho que é o maior departamento da universidade, porque tem muitas áreas distintas, muitos docentes e muitos alunos.

DCS: A senhora participava do Movimento Estudantil quando aluna de graduação?

ZAC: Eu freqüentava o Grêmio da Faculdade e assistia às assembleias, mas nunca tive uma participação direta no movimento estudantil.

DCS: Quando a senhora voltou para a Faculdade, ela estava “instalada” nos barracões. Como era dar aulas lá?

ZAC: Era pitoresco. De uma sala era possível ouvir o que se dizia na outra. Nos dias de chuva era praticamente impossível dar aulas, porque o telhado, não sei se de amianto ou de que outro material, produzia um barulho muito forte. Mas eu fiquei pouco tempo nos barracões porque os departamentos de Letras foram logo depois instalados nas Colméias.

DCS: A senhora teve suas aulas invadidas pela polícia?

ZAC: Não, nunca aconteceu isso nas minhas aulas.

DCS: Em que ano os cursos de Letras vieram para o prédio atual?

ZAC: A mudança se iniciou em 1983, com a transferência

dos gabinetes das áreas, mas as aulas propriamente ditas só começaram a ser dadas nas novas instalações em 1988. O prédio não estava pronto, no início da mudança, e havia poucas salas. Tivemos que conviver com o término da construção do prédio, o que perturbava o trabalho, especialmente no período da manhã.

DCS: As aulas já eram superlotadas na década de 80?

ZAC: Eram, sim. Algumas disciplinas do primeiro ano, tais como Língua Portuguesa, Lingüística, Língua Latina e Introdução aos Estudos Literários, eram ministradas a todos os alunos que ingressavam em Letras. Em Língua Latina, por exemplo, chegava a haver 1500 alunos matriculados no primeiro semestre, contando-se os alunos que entravam por vestibular, 850, os que haviam sido reprovados em anos anteriores, os que haviam trancado a matrícula e estavam voltando e os veteranos que, por alguma razão, faziam a matéria pela primeira vez. Não havia salas suficientemente grandes para turmas tão numerosas; não as temos ainda; um dos problemas do prédio de Letras é exatamente essa questão dos espaços; não há um auditório, por exemplo. Quando se tem um evento, ou se convida um conferencista, temos que usar ou a sala 102 ou a 107, que são as salas maiores do prédio. Ou valer-nos dos auditórios do prédio de Geografia e História. É uma solução precária. Muitas vezes, nas salas de Letras, os alunos se sentam no chão, para ouvir uma conferência; outras vezes assistem às aulas de pé, ou no corredor.

Agora os professores usam microfones, mas antigamente não tínhamos esse recurso: o professor tinha que se esforçar para que sua voz fosse ouvida no fundo da sala.

DCS: Parece que quando o prédio de Letras foi construído as salas foram projetadas para terem um tamanho pequeno mesmo para forçar a formação de turmas menores.

ZAC: Pode ser, mas há algumas disciplinas que são específicas de uma habilitação e outras que são comuns para todos os alunos. Nas aulas de disciplinas específicas o número de alunos é pequeno e elas podem ser dadas nas salas menores. Mas as que são comuns, por terem um número muito elevado de alunos, precisam ser dadas em salas maiores.

DCS: A senhora se aposentou em 1998. O que a levou a se aposentar?

ZAC: Eu comecei a trabalhar em 1953; em 1998 eu já tinha 45 anos de serviço, já poderia ter-me aposentado muito antes. Eu achei que estava na hora de aposentar-me, mesmo porque havia uma proposta de mudança da lei que regulamentava as aposentadorias. Eu temi perder os direitos que havia adquirido se esperasse pela compulsória.

DCS: Qual sua visão do DLCV quando a senhora se aposentou?

ZAC: Basicamente, o Departamento não mudou desde 1972, quando comecei realmente a trabalhar na FFLCH, até hoje. Houve uma ocasião em que se falou de dividir-se o DLCV em um departamento de Clássicas e um de Vernáculos. Eu cheguei a discutir essa questão, mas a maioria dos docentes achou que a idéia não era interessante. O problema é que num departamento muito grande, as áreas corriam o risco de não se ter nenhum representante legítimo no Conselho Departamental ou na Congregação. No caso da área de Língua e Literatura Latina, houve um tempo em que nós ficamos vários anos sem professor titular e sem professor adjunto, e sem que nenhum de nossos auxiliares de ensino, mestres ou doutores tivessem sido eleitos para o Conselho e para a Congregação. O coordenador da área – que juridicamente não existia – era geralmente convidado a participar das reuniões do Conselho Departamental, mas sem direito a voto.

DCS: Qual sua visão da Faculdade de Filosofia quando ela completa 70 anos?

ZAC: Todos sabem que a nossa Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas é, provavelmente, a mais importante do país em massa crítica, em número de docentes e alunos e em produção científica. Acho que a Faculdade, apesar de seus problemas, vai muito bem, com seus cursos de pós-graduação reconhecidos internacionalmente e procurados por alunos e docentes de todas as partes do país e do exterior, com os eventos científicos que promove a todo momento, com o intercâmbio com unidades universitárias congêneres, com suas numerosas publicações. Trabalha-se para que as dificuldades que ainda existem sejam sanadas e a FFLCH, com seus setenta anos de vida, vai marchando galhardamente para a frente.

ESPAÇO MEMÓRIA

ENTREVISTA COM LAURA DE MELLO E SOUZA

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO, ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH, SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO



A entrevistada é professora do Departamento de História.

Daniel Cantinelli Sevillano: Professora, eu gostaria que a senhora me falasse um pouco sobre sua formação acadêmica.

Laura de Mello e Souza: Eu entrei no curso de História da USP em 1972, através do meu primeiro vestibular. Era um período muito ruim para o Departamento de História, porque ele tinha passado por um processo muito doloroso de cassações de seus professores, entre eles a Emília Viotti da Costa. Era um momento de reconstrução do DH e da Faculdade de Filosofia, que com o AI-5 havia perdido diversos docentes.

Havia muita militância política entre os alunos e muito engajamento por parte deles, mas ao mesmo tempo em um ambiente de muita repressão. Foi uma experiência muito rica e muito dolorosa, e eu desejo que vocês não passem pelas coisas que nós passamos naquele momento. Eu fiz todo meu curso no auge da ditadura militar, e vários colegas meus foram presos ou desapareceram. Nós queríamos ler uma série de autores, mas tínhamos medo.

Eu comecei minha carreira de pesquisadora, após ter me formado, durante a ditadura, e isso me marcou muito. O interesse da minha geração estava muito centrado na hoje chamada "história dos de baixo": movimento operário, pobreza, escravidão eram os assuntos que nos motivavam. Eu não tive nenhum tipo de bolsa durante minha graduação e ingressei no mestrado um ano depois de formada, porque nesse meio tempo eu tive minha primeira filha. Meu orientador foi o professor Fernando Novais, e eu já participava de um grupo de estudos ligado ao Fernando desde a graduação. Quando terminei o mestrado, eu tive minha segunda filha, e então ingressei no doutorado, também com o Fernando Novais. Minha formação acadêmica se deu toda aqui no Departamento de História da USP, nunca saí do país para estudar, só saí para fazer pesquisa e dar aulas.

DCS: A Faculdade de Filosofia esteve dentro de sua casa

desde que a senhora era uma criança, já que seus pais eram professores da Faculdade. Qual a sua visão da FFLCH naquele tempo?

LMS: Eu cresci na Faculdade de Filosofia da rua Maria Antonia. Algumas vezes meus pais tinham que atender alunos e eu ficava com a Dona Floripes na portaria. A minha relação com a Faculdade de Filosofia foi muito afetiva. Para mim, antes de ingressar como aluno, a Faculdade já significava trabalho; dizer que eu ia para a Faculdade significava que eu ia lá para ver meus pais trabalharem.

Eu cresci nesse ambiente, os grandes amigos dos meus pais também eram professores da Faculdade, e isso teve uma importância muito grande para minha vida, mas não condicionou minha escolha, pois antes de me decidir por História eu ia prestar vestibular para Medicina.

Quando eu cheguei na FFLCH, eu fiquei, como todo aluno de primeiro ano, muito decepcionada. O primeiro ano do curso de História era muito difícil, mas nós conseguimos modificar o currículo e eu acho que ele ficou bem melhor. As aulas eram muito difíceis, especialmente as aulas de História Antiga.

Eu sempre gosto de lembrar o nome de um professor que foi uma figura fundamental para mim, porque era uma pessoa muito acolhedora: o professor Mariano Carneiro da Cunha, professor de História Antiga do Oriente. Eu gostei tanto dele e do seu curso que eu pensei em fazer Arqueologia. No segundo ano, a Faculdade se transformou naquilo que eu imaginava que ela era. Isso, apesar de a Faculdade que eu vivi como menina ser muito diferente da Faculdade que eu encontrei aqui na Cidade Universitária. Metade das pessoas que freqüentavam minha casa não estavam mais aqui, como Florestan Fernandes, Fernando Henrique, entre outros.

DCS: Qual a influência que os eventos de 68 tiveram em sua vida?

LMS: Eles me marcaram para o resto da vida. Até hoje eu

tenho sensações que são coisas que ficaram marcadas no meu inconsciente daquela época. Meu pai, naquela noite célebre das lutas entre a Filosofia e o Mackenzie, ele estava na Maria Antonia e passou a noite fora de casa. A gente tinha muito medo, sobretudo quando meu pai demorava para chegar em casa. Eu estudava em um colégio pago na época, e eu tinha a sensação de que eu não podia contar para ninguém as coisas que eu sabia que aconteciam.

A Faculdade de Filosofia, como disse o professor Fernando Henrique Cardoso em uma entrevista, representou um papel fundamental de resistência e crítica durante a ditadura militar.

DCS: Como a senhora vivenciou a Faculdade após sua graduação?

LMS: Eu aproveitei muito mais a Faculdade durante a Pós-Graduação, e foi aí que eu vivi o que realmente é a Faculdade de Filosofia. Fiz vários cursos nas Ciências Sociais, tanto no mestrado como no doutorado, e foi aí que eu estabeleci uma relação muito enriquecedora com o nosso “prédio do meio”. Já docente, toda vez que eu dei aula para os alunos de Ciências Sociais foi por gosto, eu que me ofereço para dar essas aulas. Parte importante da minha formação foi feita lá. Eu fui aluna da Sylvania Caiuby Novaes e da Irene Cardoso, e depois eu fiz um curso muito decisivo com o professor Weffort, constituído por leituras de Gramsci, e a Faculdade de Filosofia foi um dos primeiros lugares onde se fez uma leitura sistemática da obra do Gramsci. Minha geração leu muito a obra de Gramsci, e a partir daí pudemos discutir a questão da abertura do pensamento marxista. Eu nunca fui marxista, mas sempre li muito a literatura marxista.

No curso de doutorado, eu fiz um curso de Sociologia da Literatura Fantástica, com o Ruy Coelho, que era um curso fantástico.

DCS: O Nicolau Sevcenko disse que também fez esse curso.

LMS: Sim, mas nós fizemos em anos diferentes, e chegamos a conversar sobre a importância que o curso teve para nós. Eu curti muito a Faculdade a partir da Pós-Graduação, mas na graduação também fiz cursos importantes, como o curso que eu fiz com a Maria Sylvania Carvalho Franco sobre as leituras do Capital; assisti também o curso que o Foucault deu sobre História da Sexualidade. Ele deu 4 conferências, mas interrompeu o curso como forma de protesto devido ao assassinato do Wladimir Herzog, e foi embora. Tudo isso

aconteceu ainda naqueles barracões onde a Faculdade estava “instalada”.

DCS: Em que ano você foi para a Chefia do Departamento?

LMS: Eu fui chefe do DH de 1999 a 2001, e tive como Vice-Chefe o professor Jorge Luis Grespan, que me ajudou muito nesse período.

Foi uma experiência muito importante e muito difícil, porque como chefe você tem que fazer uma média entre o que você quer fazer e o que você consegue fazer. A burocracia é um peso que nós ainda não conseguimos contornar. A Faculdade de Filosofia é muito grande, e é claro que o seu tamanho a torna algo difícil de ser administrado.

Eu peguei um momento bem difícil na chefia, porque logo que eu assumi teve todo um problema relacionado à questão da venda de bebida alcoólica dentro do prédio. Nós, em comum acordo com a Geografia, proibimos a venda da bebida no prédio. Foi uma coisa muito complicada, porque havia todo um setor de alunos que achava que isso era um ato autoritário.

Naquela época nós também não tínhamos muitos professores, e eu briguei muito pela contratação de novos professores. Eu não me arrependo de ter passado pela chefia, apesar do meu perfil totalmente avesso a cargos burocráticos. Eu sou uma pesquisadora, e há pessoas que têm uma capacidade maior de organização e de liderança.

Eu acredito que a questão da administração da universidade é bem complicada, porque os professores, que têm suas pesquisas para fazer e suas aulas para ministrar, ainda têm que arranjar tempo para funções de direção com as quais nem sempre estão habituados.

DCS: Qual a relação do DH com os demais departamentos da FFLCH?

LMS: Antes de eu entrar na Faculdade, o DH teve certa hegemonia dentro da FFLCH, pois ele tinha algumas figuras chave como os professores Eurípedes Simões de Paula e Eduardo d’Oliveira França. Além disso, nós fomos o primeiro curso da Faculdade que teve um prédio próprio depois da expulsão da Maria Antônia.

Eu penso que as relações do DH com os demais departamentos da Faculdade são bastante harmoniosas. Nós temos algumas questões domésticas com do Departamento de Geografia, e brincamos que sempre perdemos na questão do espaço, já que são eles que entendem de espaço.

ENTREVISTA COM RUY FAUSTO

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO, ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH, SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

Professor aposentado do Departamento de Filosofia, recebeu o título de Professor Emérito em 1998.

Daniel Cantinelli Sevillano: Professor, gostaria que você me falasse sobre sua formação acadêmica.

Ruy Fausto: Eu sou formado em filosofia aqui pela Faculdade de Filosofia, e em direito pela Faculdade de Direito. Depois, fiz meu doutorado na Universidade de Paris I, na França. Primeiro fiz o que era a “pequena tese”, e depois a “grande tese”, ambas em filosofia.

DCS: Em que ano você iniciou seu curso de filosofia?

RF: Em 1953, e terminei em 1956.

DCS: Onde eram as aulas?

RF: Eram na Maria Antonia.

DCS: E como era o ambiente da Maria Antonia?

RF: Eram classes bem pequenas, e havia um número grande de moças em cada classe, o que na época era excepcional nas Universidades. As classes eram muito homogêneas, cada um tinha um projeto bem diferente do outro. O nível dos alunos era muito desigual; havia alguns bons alunos.

DCS: Depois de sua graduação, o que o senhor fez?

RF: No último ano do curso, o professor Cruz Costa me convidou para trabalhar como “auxiliar de ensino” sem remuneração. Depois de formado, e sem abandonar o trabalho na Faculdade, lecionei algum tempo no secundário e depois fiz um concurso para o ensino secundário público (em sociologia, porque o curso de filosofia fora suspenso por alguns anos). Não exerci o cargo que obtive numa cidade do interior. Mas fui convidado a lecionar na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Assis (hoje campus da Unesp) que estava sendo criada. Lá fiquei uns dois ou três anos.

DCS: Como foi sua carreira de docente dentro da Faculdade de Filosofia?

RF: Quando fui trabalhar na Faculdade de Rio Claro, deixei o trabalho na Faculdade (aliás, passei de “escravo” a “professor titular!”).

De Rio Claro, fui para a Europa com bolsa. A bolsa, concedida pela Embaixada da França (a CAPES pagava a viagem de ida), era modesta. Essa minha primeira estada na França não foi muito feliz. Por causa do clima muito frio e úmido e de um mau restaurante universitário, fiquei doente. Curado, passei mais um ano escolar na França, e depois estive alguns meses na Alemanha. Quando voltei fui contratado como instrutor pela Faculdade de Filosofia com um salário que era mais ou menos a metade do que eu recebia em Rio Claro.

Em 1964, houve o golpe militar, e eu fui para o Chile, onde dei aulas na Universidade Católica do Chile. De lá, fui para a Europa continuar meu trabalho, e com o golpe no Chile, fiquei por lá.

Na França fiz minha carreira universitária, mas havia uma situação muito difícil na Universidade de Paris VIII, onde eu estava. Um grupo muito medíocre e carreirista dominava e domina o Departamento de Filosofia, e todos os que se opuseram a esse grupo foram marginalizados. Nenhum alcançou o topo da carreira. Terminei aposentando como *maître de conférence*, o que equivale à livre-docência no Brasil.

DCS: O senhor presenciou os acontecimentos de 68 na Maria Antonia?

RF: O interessante é analisar o conjunto dos acontecimentos de 68. Naquele ano foram criadas as paritárias locais e uma paritária global da Faculdade. No Departamento de Filosofia, isso funcionou razoavelmente bem, apesar de tudo. A paritária funcionou relativamente bem porque havia a regra dos dois terços; nenhuma decisão poderia ser tomada sem a aprovação de 2/3 da paritária, o que evitou que os alunos tomassem conta de todo o processo, o que daria em politização brutal.

Houve depois aquela batalha campal entre a Faculdade e o Mackenzie, devo dizer que tudo se fazia em um clima de radicalismo expressivo. Mas comparado com o que aconteceu na França em 68, observo que o nível do ensino não foi ameaçado. Não havia a idéia de colocar dirigentes políticos para lecionar na universidade, como aconteceu na França, onde os dirigentes punham militantes nos departamentos, entre outras coisas, para se apropriar do dinheiro

do “Estado burguês”...

Comigo, aconteceu o seguinte. A minha mulher, que era uma colega, foi presa (eu já dormia fora de casa, com medo do que poderia acontecer devido à minha participação na Universidade). Quando minha mulher foi solta, nós passamos por várias casas de amigos até que resolvemos sair do país. A última casa em que estivemos foi a de Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza. De lá, o colega Víctor Knoll nos levou até o Rio Grande do Sul, onde alguns irmãos da Otilia Arantes nos receberam, e fomos então para o Uruguai.

Do Uruguai, fomos até o Chile, porque lá havia um cônsul liberal que fornecia passaporte para os brasileiros. Como nossa idéia era ir para a Europa, precisávamos de passaportes, coisa que não obtivemos no Uruguai. No Chile, conseguimos os passaportes, mas acabamos ficando por lá.

DCS: Como o senhor vê a Faculdade de Filosofia hoje?

RF: Bom, eu moro na Europa, e passo 3 meses por ano aqui no Brasil. Eu não sei muito sobre a Faculdade; sei algo sobre o Departamento de Filosofia. É um departamento que tem seus problemas, mas é um departamento com gente muito competente e séria. É preciso lutar para que o

DF mantenha esse bom nível. Mas há um risco de que em nome da defesa do nível, se introduza um clima agressivo e arrogante que não leva a nada.

Passando para um plano mais geral, acho que deveria haver um projeto de dupla formação, ou seja, seria desejável que fosse possível a um aluno fazer filosofia e outro curso ao mesmo tempo.

DCS: É possível comparar o departamento de Filosofia de 68 com o de hoje?

RF: Olha, ele mudou muito. Com o passar dos anos, o departamento foi formando especialistas em filosofia. Antigamente, na “pré-história” do DF, havia muitos professores que não estavam preparados para dar aulas de filosofia. Quanto aos dois chefes, Cruz Costa era uma grande figura, bom historiador das idéias, mas não era muito filósofo; Lívio Teixeira era um homem sério e esforçado, formado pelos antigos professores franceses da cadeira de Filosofia. Eles tiveram um papel muito importante.

Naquela época não havia especialização por parte dos alunos, todo mundo estudava tudo. Hoje tem especialização cedo demais.

ENTREVISTA COM ANTONIO DIMAS

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO, ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH, SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

Professor de Literatura Brasileira do DLCV.

Daniel Cantinelli Sevillano: Professor, eu gostaria que o senhor me falasse sobre sua formação acadêmica.

A. Dimas: Não sou aluno de graduação da USP. Vim da Faculdade de Letras de Assis, hoje UNESP, onde fiz português e inglês na primeira metade dos anos 60. A Faculdade de Assis foi uma das primeiras - ou a primeira mesmo? - a ter tempo integral para os alunos, com atividades o dia todo. Seu primeiro corpo docente era de extraordinária qualidade, trabalhavam todos em tempo integral. Era uma faculdade de Letras diferenciada, com aspiração a ser modelo de instituição para os cursos de Humanidades no Brasil, em geral. Biblioteca enorme, muito rica.

Vim para São Paulo em 1966, para tentar continuar meus estudos na Faculdade de Filosofia. Como não queria me envolver definitivamente com a Maria Antonia, freqüentei

alguns cursos avulsos. Me lembro que houve um curso sobre Gangaço na Cultura Brasileira, organizado e coordenado pelo professor José Aderaldo Castello, e que foi fascinante, rigorosamente interdisciplinar. Através desse curso tive a oportunidade de conhecer uma série de intelectuais brasileiros, de fora da USP, como o professor Cavalcante Proença, por exemplo. Além, é claro, de ter conhecido e ter tido aula com as pratas da casa: Paulo Emílio, Maria Isaura, Rui Coelho e outros.

Mesmo assim, continuei freqüentando a Faculdade à distância, porque nesse período comecei a dar aulas de português num colégio judaico do Bom Retiro, o “Scholem Aleichem”. Comecei a lecionar uns dois ou três meses após ter sido instalado o curso ginásial deles, porque a professora de português do colégio teve que se afastar por motivos pessoais. Era a Profa. Telê Porto Ancona Lopez, hoje professora do Instituto de Estudos Brasileiros e da nossa

pós-graduação, com quem mantive meus primeiros contatos mal chegado em São Paulo e com quem, até hoje, mantenho sólida relação pessoal e profissional.

Permaneci três anos lecionando nesse colégio, até que, em 1969, fui convidado pelo professor José Carlos Garbuglio para dar aulas na Faculdade, numa situação bastante diferente dos docentes que hoje ingressam na Faculdade, através de concurso. Defendi meu mestrado no final de 1970, sobre uma revista muito pouco conhecida do Simbolismo brasileiro, a *Rosa-Cruz*. Meu doutorado também foi sobre uma revista, a *Kosmos*, e foi defendido no final de 1975. Antes disso, tive a oportunidade de passar um ano na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, onde fiquei estudando e, muito assustado, dei um curso básico sobre América Latina, porque o professor encarregado, Andrés Avellaneda, precisou viajar de uma hora para outra. Como no Departamento de Italiano, Espanhol e Português não havia outro latino-americano, adivinha quem ficou no lugar? Mas foi uma experiência extraordinária, apesar do susto. Fiquei um semestre enfiado na enorme biblioteca da University of Illinois, lendo o que me caísse nas mãos sobre México, Argentina e Peru. Passado o susto, continuei essas leituras, de modo descontínuo, mas também motivado pelo famoso *boom* do romance hispano-americano dos anos 70. Depois ainda, tive o privilégio de conviver um pouco com o Prof. Enrique Rodríguez Monegal, que freqüentava muito São Paulo, antes de morrer tão precocemente.

Em 1976, houve um dos primeiros concursos de efetivação dentro da Faculdade, e isso causou um certo desconforto generalizado, porque não entendíamos aquilo muito bem, mas sabíamos que se não fizéssemos o concurso poderíamos ser demitidos, etc. Hoje, vejo que foi uma decisão acertada da parte do Prof. Castello, nosso titular naquela época. Depois desse concurso, de que existe até uma foto muito boa do grupo, estabilizou-se, em parte, a vida profissional dos professores de Literatura Brasileira, hoje já aposentados ou em vias de.

Desde 1969, posso te dizer que sempre dei aulas aqui e, de vez em quando, em universidades estrangeiras como nos EUA ou na França. Mas sempre reservei uma parte de meu tempo para atividades institucionais, como membro de alguma comissão do meu Departamento, como Vice-Diretor do IEB, ou membro do seu Conselho, entre outras. Ultimamente, tenho desenvolvido grande parte dessa tarefa institucional junto à CAPES, como representante da área de Letras/Linguística, função que termina em outubro próximo e que começou em 1999.

DCS: O senhor fez sua livre-docência?

AD: Fiz, mas demorei um tempo para fazer minha livre-docência por causa desses outros interesses. Em termos de praxe acadêmica, minha livre-docência se deu um pouco tarde, em dezembro de 2000. Outro fator que contribuiu para essa demora é que minha pesquisa se tornou muito grande, e eu cheguei a um ponto em que eu desistia de tudo, ou continuava até o final, mesmo que isso fosse tomar um pouco mais de tempo. Então, resolvi pagar esse preço e continuei a pesquisa, que consistia num levantamento sobre o jornalismo do Olavo Bilac e que talvez seja publicado na forma de livro em 2004.

DCS: Como o senhor acompanhou o ano de 1968?

AD: Em 1968, o regime militar assume um caráter mais profissional, com o AI-5. De 1964 até esse ano, ele tinha um aspecto um pouco amadorístico. É triste falar no AI-5 porque ele foi parido por um professor uspiano, que tinha sido Reitor da USP e era o Ministro da Justiça do momento, o professor Gama e Silva da Faculdade de Direito.

Acompanhei a briga com o Mackenzie, a invasão do prédio da Maria Antonia e a mudança para a Cidade Universitária, mas como um aluno comum, interessado, partidário, nada mais que isso. Sem mito póstumo! É que nesse momento eu estava mais ligado ao colégio judaico de que lhe falei, dando aulas no ginásio. Em 1969, eu me desligo do colégio, e venho com a Faculdade aqui para a Cidade Universitária, no Butantã, onde o curso de Letras ficou muito mal instalado por vários anos. E também, porque logo no começo de abril de 64, ainda em Assis, eu já tinha levado uma corrida brava.

DCS: Como o senhor vê a Faculdade hoje?

AD: Eu vejo a Faculdade fragmentada. Não é mais aquela Faculdade que nós conhecemos nos anos 60. A fragmentação espacial da FFLCH, com seus três prédios de pesquisa e docência que pouco se comunicam entre si e com um quarto prédio distante, chamado significativamente de Administração, dá bem a medida disso.

As relações intelectuais se dão mais no plano pessoal do que no plano de departamentos e cursos. Eu não consigo mais enxergar na Faculdade de Filosofia uma instituição com um mínimo de organicidade, como existe no Instituto de Química, por exemplo, ou na Física. O que há é uma junção meio casual, no momento. Perdeu-se, a meu ver, o entrelaçamento original. E nem sei se, depois que se juntarem todas as bibliotecas, isso vai acontecer. O que sei é que vai faltar lugar no estacionamento...

DCS: O senhor seria favorável à divisão da Faculdade?

AD: Isso foi um problema muito sério há alguns anos, quando surgiu essa hipótese de se dividir a Faculdade. Nessa época, no final dos anos 80, eu era francamente favorável à união da Faculdade. Hoje, já me considero um separatista. Argumenta-se que, dividida, a FFLCH perde um suposto poder político, que ela talvez nem tenha mais. Mas poder político se conquista e se reconquista, não é? Eu não consigo mais ver uma unidade intelectual dentro da Faculdade como já existiu há tantos anos.

DCS: O senhor acha que a Faculdade está velha, conservadora?

AD: Eu diria que ela é uma senhora de meia-idade e que anda precisando muito de uns *up-grades*, de uns *liftings*, etc. Parece que há setores da Faculdade de Filosofia que

têm medo da novidade e que não querem se “mexer” para conseguir resultados. Cito, como exemplo, o caso do prédio de Letras, onde estamos trabalhando em condições difíceis há mais de dez anos. São condições materiais decadentes, pobres, franciscanas demais e que não são mudadas. Não entendo porquê o prédio da Administração está sempre bonito, reluzente, sempre em forma, enquanto as demais instalações da mesmíssima FFLCH raramente são reformadas com assiduidade. O fluxo entre Administração e os demais prédios é unilateral: você só vê professores se dirigindo para lá, e raramente vê pessoal da Administração pelos prédios. Não é sintomático? Isto não é uma Faculdade! É um aglomerado compartimentado e com fluxo interno fortemente hierarquizado, em todos os planos, acadêmicos e administrativos.

EVENTO

FFLCH HOMENAGEIA PROFESSOR EMÉRITO OCTAVIO IANNI

POR RODOLFO VIANNA



O professor Emérito Octavio Ianni, falecido no dia 4 de abril, foi homenageado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Um dos maiores nomes da sociologia brasileira, Ianni foi professor

da FFLCH até ser cassado pelo AI-5, em 1968. No evento, ocorrido na noite do dia 26 de maio no Auditório da Geografia, estavam presentes os professores Renato Ortiz (Unicamp), Francisco de Oliveira, Gabriel Cohn e Sedi Hirano. O professor Antonio Candido, impossibilitado de comparecer, encaminhou um texto.

Lido pelo diretor Sedi Hirano, o texto do professor Emérito Antonio Candido dizia que “discípulo fiel de Florestan Fernandes, a quem se conservou estreitamente ligado e cujos pontos de vista partilhava, aprendeu com ele a amadurecer uma posição sociológica ajustada às suas tendências ideológicas. Refiro-me ao esforço para combinar de maneira construtiva um pensamento capaz de associar o rigor da investigação sistemática à disposição de atuar na transformação da sociedade”. Continuando, Antonio Candido afirmou “sua obra é uma obra rica, equilibrada e

muito sensível ao que a conjuntura histórica oferece de problemático ao sociólogo”. Encerrando, o professor confessou que não tinha conhecimento da doença de Ianni (câncer), recebendo a notícia de sua morte com surpresa e mágoa: “militou até o último momento, como quem fez da atividade mental um instrumento de combate”.

Renato Ortiz, professor da Unicamp (universidade que Ianni dava aula até seu falecimento), fez uma fala sobre o trabalho intelectual como forma de homenagem. Para ele, é necessário ao trabalho intelectual uma autonomia do conhecimento, não estando este vinculado ao mercado, a partidos políticos, interesses econômicos, movimentos sociais, etc, sendo a universidade seu palco privilegiado: “o conhecimento é a busca da visão para além da aparência”, afirmou Ortiz, dizendo que Ianni era justamente uma das pessoas que tinham o trabalho intelectual sobre essa caracterização. Continuando, o professor da Unicamp acredita que para o bom trabalho intelectual “é necessário, ao mesmo tempo, se nutrir e se afastar do mundo”, lembrando do conceito de Gramsci de “ironia apaixonada”: “a ironia nos faz se afastar do mundo, e a paixão nos faz aproximar”, disse, entendendo que o trabalho intelectual de Octavio Ianni respeitava e aprofundava essa concepção.

Professor de sociologia, Francisco de Oliveira deu seqüência à homenagem ressaltando a capacidade de Ianni de conseguir analisar com argúcia o presente e fazer projeções certas para o futuro, “não a *la Nostradamus...* isso ocorrerá nos próximos cinco milênios...”, ironizou. Como exemplo, citou a sua nítida percepção, ainda no começo da década de 60, da pressão que levaria ao Golpe Militar em 1964. Continuando a exemplificar a extrema capacidade analítica de Ianni, relatou que, em 1981, ele saiu do Cebrap (Centro Brasileiro de Análises e Planejamento) pois, percebendo o esgotamento político da ditadura militar até então vigente, tinha claro que também se esgotavam os elementos que haviam fundado uma unidade de intelectuais daquele grupo, por isso “deixava o barco”. Octavio Ianni, lembrou o professor Francisco de Oliveira, foi o primeiro no Brasil a enfrentar a globalização e, encerrando, repetiu o que disse em seu velório: “vai Octavio, ser *gauche* na eternidade!”.

Último a falar, Gabriel Cohn, do Departamento de Ciência Política, acredita que uma das grandes características de Ianni era sua disposição para enfrentar desafios, “enigmas”, como também sua capacidade de metamorfose. Octavio Ianni, lembrou Cohn, viveu e se formou num período de enormes mudanças na sociedade na Faculdade de Filosofia, “quando ela se abria para os não patricios paulistas”; que foi decisivo na sua constituição de intelectual. Para encerrar, o professor Gabriel Cohn via que “a grandeza de Ianni, para além da sua grandeza intelectual, era a sua grandeza humana”.



O auditório da Geografia estava completamente lotado de estudantes, professores e funcionários que prestaram homenagens ao professor que foi um dos grandes defensores da Universidade Pública, local da “aventura do espí-



rito”, como dissera em certa ocasião. Familiares de Octavio Ianni também estavam presentes.

Leia na íntegra o texto do professor Antonio Candido:

Octavio Ianni foi meu aluno e meu amigo. Nunca tivemos intimidade, mesmo porque ele era reservado e parecia manter nas relações um certo gosto pelo distanciamento. Mas sempre nos tratamos com afetuosa cordialidade. Ele era um homem cheio de discreto calor e de dedicação aos amigos, traduzindo o seu ânimo solidário por uma cortesia perfeita, marcada pela compostura e a sinceridade.

Em Octavio Ianni eu admirei sempre muitas coisas, como já tive a oportunidade de manifestar por escrito, como a coerência, o senso do dever, a constante preocupação política, em sentido largo. Esta preocupação norteava as suas idéias e as suas atitudes, fora dos partidos, mas dentro dos interesses mais legítimos da coletividade.

Discípulo fiel de Florestan Fernandes, a quem se conservou estreitamente ligado e cujos pontos de vista partilhava, aprendeu com ele a amadurecer uma posição sociológica ajustada às suas tendências ideológicas. Refiro-me ao esforço para combinar de maneira construtiva um pensamento capaz de associar o rigor da investigação sistemática à disposição de atuar na transformação da sociedade. A poderosa cabeça teórica de Florestan mobilizou de maneira própria as contribuições da sociologia positiva dos franceses, que foi a moldura inicial da nossa aprendizagem nesta Faculdade; o ponto de vista algo instrumental do funcionalismo antropológico; a rara combinação de consciência estrutural e senso histórico de Max Weber – para fazer afinal da sua base marxista um instrumento flexível e penetrante no estudo da vida social. Não é freqüente ver uma capacidade de síntese criadora como a que permitiu a Florestan forjar o equipamento original e cheio de vigor, graças ao qual pôde, a partir da famosa pesquisa sobre o negro em São Paulo, que realizou associado a Roger Bastide, esclarecer aspectos essenciais da sociedade brasileira, estudando a natureza da burguesia, o destino do antigo escravo e seu descendentes, o papel do ensino e da

universidade, para citar alguns. Por isso Florestan deu o exemplo de uma sociologia atuante e transformadora, digna dos intelectuais de corte revolucionário, como era ele.

A meu ver, Octavio Ianni foi o discípulo que mais fielmente encarnou as diretrizes do mestre, de tal modo que é possível caracterizar a sua obra com base nas sugestões que acabo de fazer, e foi por isso que as fiz. É uma obra rica, equilibrada, muito sensível ao que a conjuntura histórica oferece de problemático ao sociólogo. Basta lembrar a sua longa dedicação ao problema do negro, talvez o mais grave entre os problemas humanos do nosso país, pois se traduz pela exclusão de grande parte dos brasileiros, mantidos criminosamente à margem da possibilidade de chegar às esferas que decidem. Só recentemente, menos de meio século, o negro brasileiro se dispôs a lutar com real combatividade para exigir o lugar que lhe cabe na estrutura e na organização da sociedade, e nessa luta teve sempre ao seu lado o sereno e inflexível Octavio Ianni.

Ele foi de fato um dos que mais atuaram neste sentido, e a respeito cito apenas um fato significativo: há alguns anos o atual presidente Luís Inácio Lula da Silva nos pediu para organizar um ciclo de análise e debate sobre problemas do socialismo e da democracia, no quadro do Partido dos Trabalhadores, o que foi feito sob a orientação de uma equipe da qual participei. Um dos tópicos escolhidos foi a situação do negro. Nós nos dirigimos então aos companheiros do movimento negro dentro do partido, a fim de trocar idéias sobre os participantes da sessão, e eles manifestaram o desejo de que o expositor fosse Octavio Ianni, sendo os debatedores membros da comunidade afro-brasileira. Conhecendo as justas reservas que esta costuma fazer em relação à atitude freqüentemente paternalista e incompreensiva dos considerados brancos, pode-se avaliar o que essa escolha significa de confiança e respeito. Os companheiros do movimento negro entregaram por assim dizer a sua causa ao sociólogo que se dedicou sempre com fiel tenacidade à luta na qual eles se empenham.

O mesmo discernimento da importância essencial de certos problemas levou Octavio Ianni a se interessar pela cultura da América Hispânica, que costumava atrair pouco os intelectuais brasileiros, assim como os intelectuais hispano-americanos pouco se interessavam pela nossa. Ele não apenas tornou-se um conhecedor da produção cultural do sub-continente, como partiu para reflexões pessoais sobre o papel eventual da literatura nos estudos sociais. Lembro de importantes estudos que escreveu e me comunicou, e não esqueço que me deu de presente alguns livros de autores hispano-americanos, inclusive Carlos Fuentes.

Assim, pois, tanto no caso do negro, quanto no caso das culturas vizinhas, Octavio Ianni mostrou como sabia determinar o que é importante conhecer bem, para bem atuar. Os dois exemplos denotam a sua posição firme contra a iniquidade do racismo mutilador e hipócrita, e a sua integração na luta anti-imperialista, da qual é parte necessária o entendimento cultural, profundo e fraterno da Hispano-América com a Luso-América.

Eu não sabia que Octavio Ianni estava doente, e ainda no dia 17 de março estive ao seu lado numa mesa redonda realizada no quadro das comemorações do septuagésimo aniversário de fundação da Universidade e da nossa Faculdade. Ele fez a comunicação inicial com a lucidez de sempre e, como sempre, inseriu as reflexões finais numa vibrante peroração de cunho político, na linha das suas convicções de socialista norteado pelo marxismo. Pareceu-me então em perfeita forma, de modo que foram grandes a surpresa e a mágoa com que cerca de quinze dias depois tive a notícia de sua morte. Soube então que estava com problemas sérios de saúde, e refleti que, mesmo assim, militou até o último momento, como quem fez da atividade mental um instrumento de combate. E isso me fez sentir, ainda mais, como ficamos todos nós desguarnecidos com a falta desse colega e amigo exemplar.

Antonio Candido

ASSISTÊNCIA FINANCEIRA

A FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP REALIZA SEU 1º PREGÃO PRESENCIAL

O pregão presencial é uma nova modalidade de licitação, destinada à aquisição de bens e serviços comuns, em que a disputa é feita por meio de propostas e lances ver-

bais sucessivos, em sessão pública. Instituído pela Lei Federal 10520 de 17/07/2002, o pregão, além dos princípios gerais licitatórios, agrega: celeridade, maior competitividade,

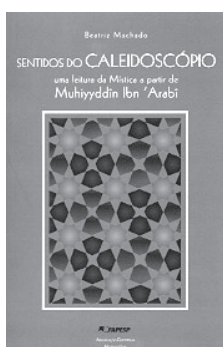
justo preço e seletividade.



O primeiro Pregão da FFLCH foi realizado em 31.05.2004. Nessa ocasião foram adquiridos softwares para diversos locais de trabalho. O resultado foi bem sucedido, já que alcançamos uma economia de 46%; o valor da compra estava estimado em R\$22.454,00, mas o dispêndio final foi de apenas R\$15.370,36.

O Pregão foi presidido pela Sr^a Leonice Maria Silva de Farias, Pregoeira certificada pelo Magnífico Reitor da USP e designada pelo Senhor Diretor, Prof. Sedi Hirano, juntamente com a equipe de apoio: Simone Reis, Célia Ap. Machado Silva, Kátia Regina de Oliveira, Lilian Cristina Teixeira, Maurício Pereira Nunes, Antonio Marcos Golim e Ismaerino de Castro Júnior. Contamos, também, com a valiosa colaboração da Sr^a. Sandra Cristina Campos, Pregoeira e Assistente Administrativa da Reitoria.

PRODUÇÃO DOS DOCENTES DA FACULDADE



SENTIDOS DO CALEIDOSCÓPIO
uma leitura mística a partir de
Muhyyiddîn Ibn `Arabî

BEATRIZ MACHADO
Humanitas FFLCH/USP

Neste livro, a Mística – e, especialmente, a obra do grande mestre sufi Ibn `Arabî (um dos principais expoentes da via mística islâmica conhecida como Sufismo) – é (re)apresentada ao leitor contemporâneo por meio de operadores de leitura extraídos principalmente da psicanálise e do estruturalismo. Trata-se de “um diálogo transcultural”.

NOTÍCIAS

O livro *Crítica à razão dualista – o ornitorrinco* (Boitempo Editorial), do professor Francisco de Oliveira (Dept. de Sociologia) foi o vencedor do Prêmio Jabuti 2003 na categoria “Ciências Humanas”. *A vingança da História* (Boitempo Editorial), do professor Emir Sader (Dept. de Sociologia), e o livro *A Imprensa confiscada pelo Deops 1924 – 1954* (Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, Ateliê Editorial), dos professores Maria Luiza Tucci Carneiro (Dept. de História) e Boris Kossoy (ECA-USP) ficaram em segundo lugar, junto com outros dois títulos. A cerimônia de entrega dos troféus para os vencedores de cada categoria do Prêmio Jabuti ocorrerá no dia 9 de setembro, no Memorial da América Latina.

O professor José Álvaro Moisés, do Dept. de Ciência Política, foi designado pelo reitor como Coordenador Titular do Curso “Gestão de Políticas Públicas”, bem como para compor o Conselho Diretor dos Cursos da USP Leste.

Os professores Boris Fausto e Maria Hermínia Brandão Tavares de Almeida, ambos do Dept. de Ciência Política, foram designados pelo reitor para compor o Conselho Acadêmico do Grupo de Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (Gacint), em recondução, com mandato de 3 anos.

O Conselho de Cultura e Extensão criou o Conselho da Biblioteca “Brasiliiana Guita e José Mindlin”, junto à Pró-Reitoria, com a finalidade de definir e adotar as providências necessárias à efetiva doação do acervo de assuntos brasileiros da Biblioteca “Guita e José Mindlin” à USP e conseqüente criação de Órgão com a denominação Biblioteca “Brasiliiana Guita e José Mindlin”, junto à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. O professor István Jancsó (Dept. de História) será o presidente do Conselho, na condição de diretor do IEB.

O professor Sérgio França Adorno de Abreu (Dept. de Sociologia), irá compor a Comissão de Avaliação, que tem por objetivo elaborar o projeto de avaliação da Pós-Graduação.

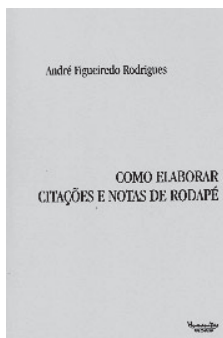
O professor Carlos de Almeida Prado Bacellar (Dept. de História) foi designado pelo reitor para compor a Comissão de Direitos Humanos da USP, com mandato de dois anos. A professora Maria Luiza Marcílio, também do DH, foi reconduzida e presidirá a comissão.

O professor José Bueno Conti (Dept. de Geografia) é o novo Vice-Diretor do Museu Paulista, com mandato de 4 anos.

Falecimentos

Sr. Durvalino Benedito Alves, pai do Sr. Luiz de Mattos Alves, funcionário do DTLLC

Sr. Mario Lúcio Aiolo Bressan, irmão da funcionária Maria Angela Bressan Schimith, do DTLLC



COMO ELABORAR CITAÇÕES E NOTAS DE RODAPÉ

André Figueiredo Rodrigues

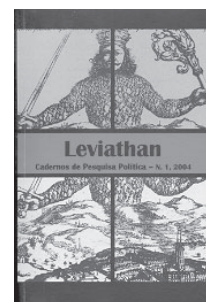
Humanitas FFLCH/USP

Nos trabalhos acadêmicos, o ato de criar é extremamente importante, pois devemos ter sempre a preocupação de fazer referência às idéias, aos apontamentos, e às conclusões de pesquisas de outros autores. A riqueza de um trabalho científico está, entre outras coisas, em indicar seus débitos para com os outros ao fazer clara referência ao material pesquisado.

Desta maneira, o autor reúne nesta obra os procedimentos necessários (baseados nas normas da ABNT) para a elaboração de citação e identificação de dados.

LEVIATHAN - CADERNOS DE PESQUISA POLÍTICA Nº 01

Humanitas FFLCH/USP



Esta revista faz parte do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciência Política da USP. Leviathan apresenta-se como marco inicial de uma proposta de trazer a público trabalhos representativos da produção deste Programa, sem prejuízo de que venha a acolher colaborações externas ou parcerias institucionais.



MARGENS DA CULTURA – MESTIÇAGEM, HIBRIDISMO & OUTRAS MISTURAS

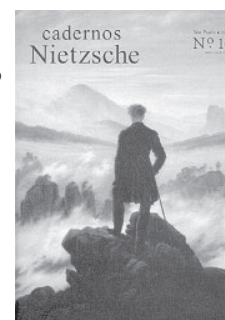
Organizador: Benjamin Abdala Junior

Boitempo Editorial

Margens da Cultura é um livro de iniciação e de reflexão sobre alguns dos autores fundamentais do pensamento crítico contemporâneo que discutem as interações entre literatura, cultura e vida social.

CADERNOS NIETZSCHE Nº 16

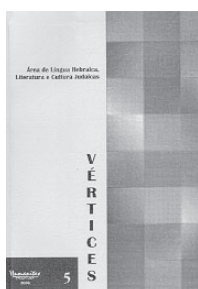
HUMANITAS FFLCH-USP



As atividades do Grupo de Estudos Nietzsche organizam-se em torno dos cadernos Nietzsche e dos Encontros Nietzsche.

Os cadernos Nietzsche visam constituir um fórum de debates em torno das múltiplas questões colocadas acerca e a partir da reflexão nietzschiana.

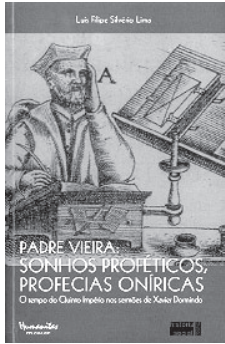
Nos cem anos que nos separam do momento em que o filósofo interrompeu a produção intelectual, as mais variadas imagens colaram-se à sua figura, as leituras mais diversas juntaram-se ao seu legado. Conhecido sobretudo por filosofar a golpes de martelo, desafiar normas e destruir ídolos, Nietzsche, um dos pensadores mais controvertidos de nosso tempo, deixou uma obra polêmica que continua no centro da discussão filosófica. Daí, a oportunidade destes cadernos.



VÉRTICES Nº 5

Humanitas FFLCH/USP

Publicação dedicada à divulgação periódica da produção acadêmica dos alunos do programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da FFLCH/USP e sempre aberta a pesquisadores que continuam seus estudos na área.



PADRE VIEIRA: SONHOS PROFÉTICOS, PROFECIAS ONÍRICAS: O TEMPO DO QUINTO IMPÉRIO NOS SERMÕES DE XAVIER DORMINDO
Luís Filipe Silvério Lima
Humanitas FFLCH/USP

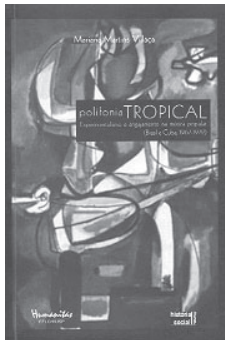
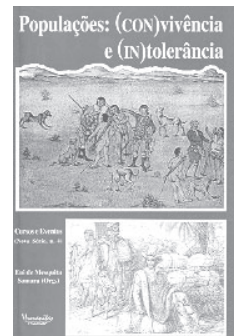
Este trabalho foi editado pelo Programa de Pós-Graduação em História Social do departamento de História da FFLCH/USP.

A obra aborda a interpretação dos sonhos de São Francisco Xavier feita pelo jesuíta Antônio Vieira como sinais da eleição divina da Companhia de Jesus e de Portugal. O autor apresenta a metáfora de Xavier construída por Vieira para definir os passos que levariam ao Quinto e último Império na Terra: o cuidado com a missão, com o reino e com as conquistas.

POPULAÇÕES: (CON)VIVÊNCIA E (IN)TOLERÂNCIA
Org. Eni de Mesquita Samara
Humanitas FFLCH/USP

Sob a organização da professora Eni de Mesquita Samara (DH), foram reunidos neste livro 16 artigos de autores que trabalharam com a problemática da exclusão, da desigualdade de gênero, do mundo do trabalho, da violência e outras temáticas que constroem o estigma na intolerância na sociedade assim como o da desigualdade.

O livro foi fruto do I Seminário Internacional *Populações: (Con)vivência e (In)tolerância*, organizado pelo CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina) entre os dias 25 e 27 de setembro de 2001, no Auditório da História.



POLIFONIA TROPICAL: EXPERIMENTALISMO E ENGAJAMENTO NA MÚSICA POPULAR (BRASIL E CUBA, 1967-1972)
Mariana Martins Villaça
Humanitas FFLCH/USP

A autora propõe uma história comparativa, delimitando um período no qual os caminhos históricos de Brasil e Cuba pareciam mais divergir que convergir: Cuba deveria cantar a utopia; o Brasil deveria cantar a resistência. Na contramão destas diretrizes e lugares-comuns, surgiram tanto o Grupo de Experimentación Sonora como o Tropicalismo, ambos querendo ser, a um só tempo, cosmopolitas, engajados e experimentais.

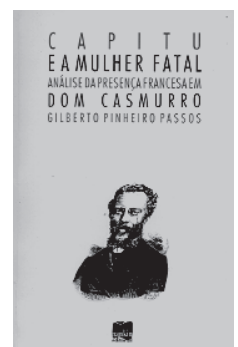
Polifonia Tropical vem, no bom sentido acadêmico da expressão, complicar as verdades e mitos acerca da forma e da função da arte engajada, seja ela sócia do poder, seja arauto da resistência. Cotejando dois movimentos musicais aparentemente antiéticos, a autora ilumina os caminhos, muitas vezes inusitados e contraditórios, pelos quais o artista encontra brechas para exercer sua criatividade em contextos políticos que cerceiam sua liberdade.

CAPITU E A MULHER FATAL. ANÁLISE DA PRESENÇA FRANCESA EM DOM CASMURRO
Gilberto Pinheiro Passos
Editora Nankin Editorial

A obra retoma a análise e interpretação de Dom Casmurro, de Machado de Assis, especialmente a interrogação centenária sobre o enigma de Capitu, ré e vítima, que permanece assim na cultura brasileira letrada.

A análise do Dom Casmurro também foi feita. É Bento Santiago e sua mulher fatal, Capitu, em parte vindos da França e maliciosamente filtrados pela astúcia machadiana, armados em livro desafiador, a revelarem faces e problemas do Brasil arcaico-moderno, que perdura até hoje.

Assim incorpora-se à nova obra de Gilberto Pinheiro Passos todo seu conhecimento do romance machadiano e da língua e literatura francesa.

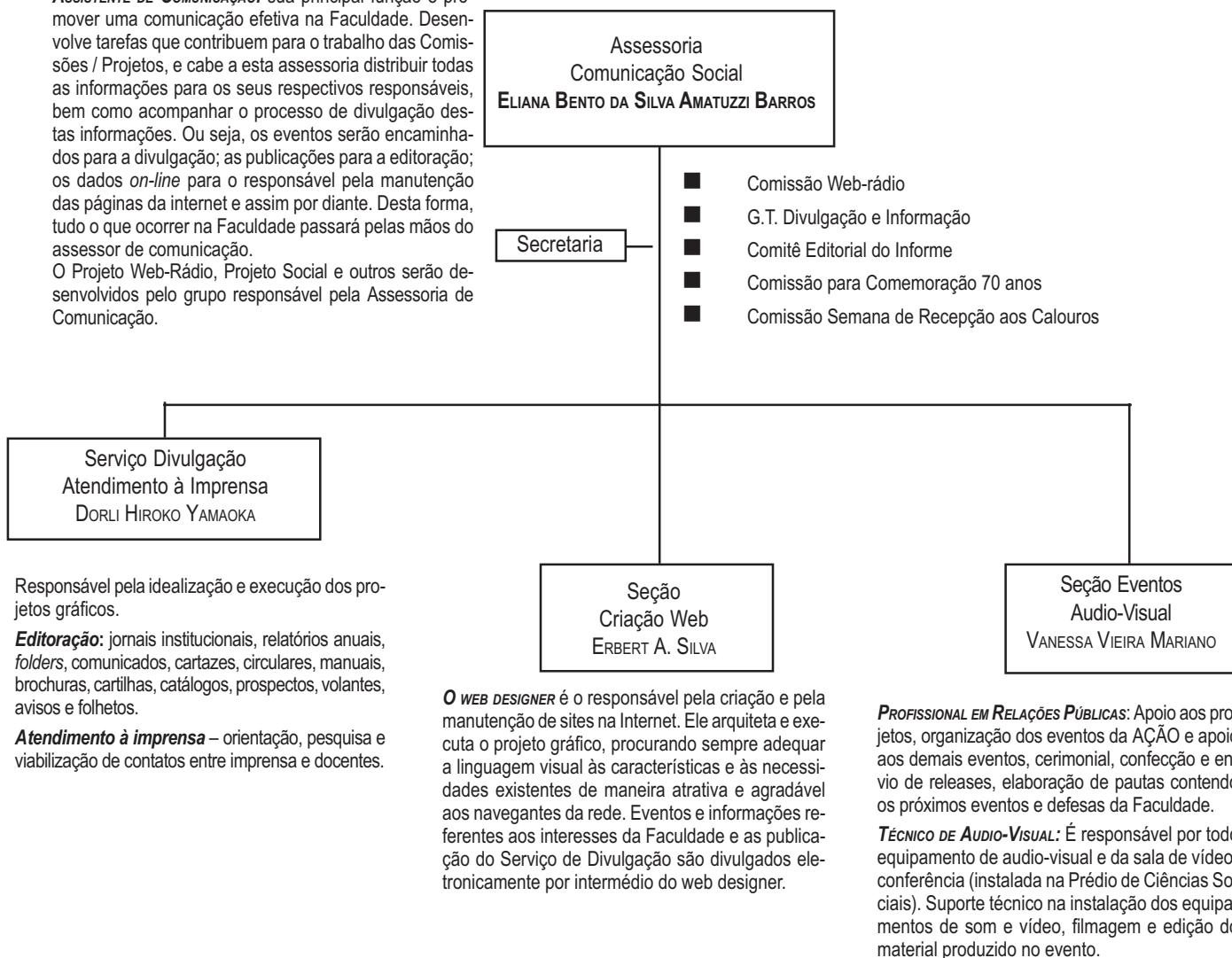


CONHEÇA A NOVA ESTRUTURA DA COMUNICAÇÃO NA FFLCH

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - AÇÃO



ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO: sua principal função é promover uma comunicação efetiva na Faculdade. Desenvolve tarefas que contribuem para o trabalho das Comissões / Projetos, e cabe a esta assessoria distribuir todas as informações para os seus respectivos responsáveis, bem como acompanhar o processo de divulgação destas informações. Ou seja, os eventos serão encaminhados para a divulgação; as publicações para a editoração; os dados *on-line* para o responsável pela manutenção das páginas da internet e assim por diante. Desta forma, tudo o que ocorrer na Faculdade passará pelas mãos do assessor de comunicação. O Projeto Web-Rádio, Projeto Social e outros serão desenvolvidos pelo grupo responsável pela Assessoria de Comunicação.



PARA ENTRAR EM CONTATO CONOSCO, LIGUE PARA 3091-4938, OU MANDE UM E-MAIL PARA comunicacaofflch@usp.br

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — USP

N. 12 — agosto/2004

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
AÇÃO — ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO — RUA DO LAGO, 717
CIDADE UNIVERSITÁRIA — CEP 05508-900
TELFAX: 3091-4612 — FONE: 3091-4938

O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/ Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: informe@usp.br